
REFLEXÕES SOBRE

AS PRIMEIRAS

POPULAÇÕES DO BRASIL

CENTRAL: “TRADIÇÃO

ITAPARICA”*

MARIA JACQUELINE RODET**, DÉBORAH DUARTE-TALIM***, LUIS FELIPE BARRI****

Resumo: *este artigo se propõe a discutir as diversas definições, limites e problemas do que foi definido como Tradição Itaparica. A partir de um extenso levantamento bibliográfico e estudos de caso em diferentes contextos do Brasil Central, procuramos sintetizar e organizar o que diferentes autores abarcaram sob esta classificação extremamente abrangente. Assim, propõe-se um novo olhar sobre essa Tradição.*

Palavras-chave: *Brasil Central. Tradição Itaparica. Análise tecnológica.*

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Brasil Central desde a década de 1960 identificaram vestígios de ocupação antiga do território, com datas da passagem do Pleistoceno para o Holoceno inicial, entre 12/11 e 10 mil anos BP e do Holoceno médio, por volta de 8 mil BP (CALDERÓN, 1969, 1983; SCHMITZ, 1980; MARTIN, 1986; MARTIN; ROCHA, 1990; NETO MACEDO, 1996; SCHMITZ *et. al.*, 2004). Segundo essas pesquisas, os primeiros grupos humanos a ocupar a macro região possuíam um modo de vida semelhante e uma tecnologia lítica muito homogênea. A caracteriza-

* Recebido em: 01.01.2011.
Aprovado em: 01.02.2011.

** Profa. Dra. do Departamento de Antropologia da UFMG. *E-mail:* jacqueline.rodet@gmail.com.

*** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG. *E-mail:* delsduarte@hotmail.com

81 **** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG.

ção dessa indústria foi baseada em descrições tipológicas sobre conjuntos líticos, guiados principalmente pela presença de instrumentos unifaciais denominados “lesmas” e pela ausência ou raridade de peças bifaciais. Devido a essas semelhanças, e dentro da perspectiva pronapista, os pesquisadores atribuíram os vestígios líticos correspondentes a esse período a uma Tradição, denominada Itaparica (SCHMITZ, 1980; BARBOSA e SCHMITZ, 1978; CALDERÓN, 1983; dentre outros).

Apesar de parecer bem localizada espacialmente e cronologicamente, essa “Tradição” não é muito bem definida em termos de sua composição cultural. Faltaram descrições detalhadas dos conjuntos de objetos que compunham essas coleções. As dúvidas sobre as questões tecnológicas e as opiniões divergentes sobre essa homogeneidade são tantas e a tal ponto que, atualmente, a existência da mesma está sendo questionada. Grande parte das pesquisas recentes (PROUS, 2000; FOGAÇA, 2001; SCHMITZ *et al.*, 2004; RODET, 2006; BUENO, 2007; RODET *et al.*, 2007; ISNARDIS, 2009) demonstra que os vestígios líticos atribuídos a ela não são os mesmos para as diferentes regiões do Brasil Central. Não se trata, no entanto, somente de uma diversidade regional, mas, principalmente, de um problema relacionado a diferentes metodologias utilizadas e à definição da Tradição.

Este trabalho pretende, a partir de estudos realizados em diversos setores da macro-região denominada atualmente Brasil Central, discutir as indústrias líticas das primeiras populações que ali se instalaram. Foram escolhidos trabalhos que tiveram como base uma mesma metodologia, qual seja, a análise tecnológica. Essa metodologia é baseada em conceitos tais como: cadeia operatória, remontagem mental, economia de debitagem, inserção dos sítios na paisagem (LEROI-GOURHAN, 1966, 1972; TIXIER, 1978; PELEGRIN, 1995, 2005; INIZAN *et al.*, 1995; dentre outros). Os sítios arqueológicos escolhidos se encontram nos estados de Tocantins (Lajeado – BUENO, 2007), Minas Gerais, regiões centro e norte (Januária – PROUS *et al.*, 1984-2009; RODET, 2006 –, Buritizeiro – RODET *et al.*, 2007; ALVES, 2010; Jequitaiá – BASSI; RODET, 2011 – e Diamantina – ISNARDIS, 2009) e Goiás (Serranópolis – SCHMITZ *et al.*, 2004). O objetivo é, a partir da caracterização das indústrias líticas locais, realizada pelos pesquisadores, tentar definir melhor os grupos humanos pré-históricos da passagem do Pleistoceno para o Holoceno inicial. Esses trabalhos servirão de base para discutir a aparente homogeneidade dessa indústria.

Nossos estudos apontam, desde a passagem Pleistoceno/Holoceno, para a existência de uma heterogeneidade do ponto de vista da variedade na produção de instrumentos, em oposição a uma homogeneidade, no que se refere ao alto nível de *savoir-faire* (PELEGRIN, 2005) desses grupos.

Por outro lado, A. Lourdeau (2010) em um estudo recente de três sítios localizados nos estados de Goiás (GOJA-01) e Piauí (Toca do Boqueirão da Pedra Furada e Toca do Pica-pau) indica uma homogeneidade nas indústrias líticas analisadas. No entanto, esse trabalho não será considerado neste artigo, por dois motivos. Em primeiro lugar, a análise do autor é baseada principalmente nos conceitos de E. Boeda (1997),

utilizando uma abordagem tecnofuncional na busca dos conceitos subjacentes às atividades de lascamento, integrando os esquemas de produção dos suportes, as estruturas volumétricas procuradas e o potencial funcional dos mesmos (LOURDEAU, 2010).

Em segundo lugar, atualmente já existe um artigo (em andamento) no qual tratamos justamente deste assunto, no sítio GOJA-03, vizinho ao GOJA-01, em Goiás. Acreditamos que apresentando resultados de estudos próprios no mesmo setor, será mais fácil discuti-los, mesmo que as metodologias utilizadas não tenham sido exatamente as mesmas.

O QUE É UMA TRADIÇÃO? – CONCEITOS E UTILIZAÇÃO NA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

Para possibilitar uma reflexão mais aprofundada a respeito da Tradição Itaparica, é necessário compreender o contexto científico no qual ela foi elaborada e, mais genericamente, a gênese do termo Tradição e seu significado na arqueologia brasileira.

Desde a década de 1940, o casal de arqueólogos norte-americanos B. Meggers e C. Evans desenvolve pesquisas no Brasil, utilizando-se de metodologias de campo e de laboratório fortemente carregadas dos pressupostos teóricos utilizados por eles. Dentro de uma perspectiva histórico culturalista, impregnada de elementos do neoevolucionismo e do determinismo ecológico (STEWART, 1948), tinham como objetivo conhecer a pré-história brasileira estabelecendo rotas de difusão da cultura material produzida pelos grupos humanos (PROUS, 1992; ROOSEVELT, 1992; BARRETO, 1999-2000; NEVES, 2006; MACHADO, 2006; CARNEIRO, 2007; dentre outros).

Com financiamento da *Smithsonian Institut*, do conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da então Secretaria do Patrimônio Artístico e Nacional (SPHAN), B. Meggers e C. Evans coordenaram dois grandes projetos de pesquisa, envolvendo arqueólogos brasileiros (BARRETO, 1999-2000). Entre 1965 e 1970, desenvolveu-se o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), voltado para os estados brasileiros não amazônicos e, entre 1977 e 1981, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA), específico para essa região (MEGGERS E EVANS s/d). De maneira geral:

As pesquisas foram realizadas dentro de uma metodologia padronizada de levantamento de um máximo de sítios arqueológicos em cada região, com o material sendo datado [inicialmente por datação relativa e, mais tarde, por amostras de ¹⁴C] e organizado por métodos de seriação em categorias denominadas “tradições”, “fases” e “subfases” (BARRETO, 1999-2000 p. 45).

Essas categorias se baseiam nos conceitos definidos por P. Philipps e G. Willey (1953), aplicados tanto para o contexto da América do Sul, quanto o da América do Norte. Para esses autores, a taxonomia é o método básico de todas as ciências e a arqueologia o utiliza como meio de classificar os vestígios e as culturas arqueológicas em

tipologias. Essa taxonomia é “*the resultant combination of three unlike basic properties: space, time and form*”¹ (PHILIPPS e WILLEY, 1953: 617), conjugadas em diferentes proporções, de acordo com a abordagem de cada pesquisador ou de grupos de pesquisadores. Como resultado, tem-se o estabelecimento de diferentes categorias classificatórias (taxonômicas), cujos significados nem sempre são consensuais.

Tendo essas considerações em mente, algumas definições precisam ser discutidas.

A Fase é a unidade classificatória básica em termos espaço-tempo-cultural (PHILIPPS; WILLEY, 1953), podendo ser definida como:

A space-time-cultural unit possessing traits sufficiently characteristic to distinguish it from all other units similarly conceived, whether of the same or other cultural tradition, geographically limited to a locality or region and chronologically limited to a relatively brief span of time (PHILIPPS; WILLEY, 1953, p. 620)².

Na etnografia, a Fase é equivalente ao conceito de sociedade, no sentido de agregado relativamente pequeno, compreendendo um número de comunidades fechadas (PHILIPPS e WILLEY, 1953). Essa associação é feita diretamente entre as Fases definidas com base na classificação dos vestígios materiais de grupos humanos extintos, estudados pelos arqueólogos, e as sociedades étnicas ainda remanescentes, estudadas pelos etnógrafos. No Brasil, houve uma tendência, por parte dos pesquisadores do PRONAPA e do PRONAPABA em relacionar as Fases (e, mais amplamente, as Tradições) a grupos lingüísticos conhecidos para as regiões de estudo, sejam esses remanescentes ou presentes apenas nos relatos de cronistas e viajantes que sobre eles escreveram a partir da chegada do europeu, no ano de 1.500 d.C.

O conceito de “Tradição” segue três linhas principais, não sendo um conceito fechado. A primeira, utilizada em estudos desenvolvidos nos Andes Peruanos, sob o rótulo de “tradição cerâmica” (*pottery tradition*), compreendendo amplas categorias constantes de técnicas e decoração cerâmica restritas a um espaço geográfico (PHILIPPS; WILLEY, 1953, p. 626).

A segunda linha, introduzida no sudoeste dos Estados Unidos por J. MCGregor apresenta uma ênfase maior em elementos não materiais da cultura, os quais, segundo o autor, podem ser inferidos através dos vestígios materiais (PHILIPPS; WILLEY, 1953). Para ele, tradição é entendida como “*more or less deeply rooted human characteristics – persistent attitudes or ways of doing things – which are passed on from one generation to another*” (PHILIPPS; WILLEY, 1953, p. 627)³, sendo a mesma tecnologicamente orientada.

A terceira linha de definição de Tradição foi desenvolvida por J. M. Goggin, para o leste da América do Norte (PHILIPPS; WILLEY, 1953). Segundo ela:

A cultural tradition is a distinctive way of life, reflected in various aspects of culture; perhaps extending through some period of time and exhibiting normal internal cultural changes, but nevertheless throughout this period showing a basic consistent unit (GOGGIN, 1949, p.17 *apud* PHILIPPS; WILLEY, 1953)⁴.

J. M. Goggin ainda enfatiza a importância do meio ambiente na formação e manutenção das Tradições.

Enquanto a definição de Fase passa pela idéia de distribuição espacial, a de Tradição, mesmo que com pequenas diferenças, perpassa pela persistência no tempo (PHILIPPS e WILLEY, 1953). Assim, P. Philipps e G. Willey (1953) fazem uma definição geral de Tradição como:

A major large-scale space-tempo-cultural continuity, defined with reference to persistent configurations in single technologies or total (archeological) culture, occupying a relatively long interval of time and quantitatively variable but environmentally significant space (PHILIPPS; WILLEY, 1953, p. 628)⁵.

B. Meggers e C. Evans (s/d) trazem para o Brasil esses termos, cujos significados são baseados nas definições apresentadas acima. Para eles,

uma tradição compreende um número variável de fases que compartilham um conjunto de atributos na cerâmica, artefatos líticos, padrões de assentamento, subsistência, ritual e demais aspectos da cultura e, ainda, *as tradições [...] tendem a persistir por mais longo tempo e sobre áreas mais extensas do que fases [...], apesar de ocorrerem exceções* (MEGGERS; EVANS, s/d, p. 18).

As variedades dentro de uma mesma tradição foram agrupadas em Subtradições, enquanto as Fases se referem a complexos, ou seja, a *“conjunto de elementos culturais associados entre si”*, presentes em um ou mais sítios (CHMYZ, 1976 *apud* PROUS, 1992, p. 111).

Em termos práticos, as Fases e Tradições da pré história brasileira foram definidas com base na análise quantitativa de atributos presentes nos vestígios cerâmicos ou líticos. No entanto, o material cerâmico foi, desde o início, o preferido para este tipo de estudo, tendo havido uma proliferação das unidades classificatórias, especialmente das Fases. Isso se deu em função do método de análise escolhido, denominado Método Ford (FORD, 1962 *apud* MEGGERS; EVANS, s/d). Trata-se de um método quantitativo, de seriação, *“através do qual as diferenças nas frequências relativas de tipos de cerâmica serão utilizadas para identificar comunidades que repartem a mesma tradição cultural geral”* (MEGGERS; EVANS, s/d, p. 8). A cerâmica é o tipo de vestígio ideal para a realização de tais análises por ser resistente a diversas condições climáticas; por se apresentar em abundância, uma vez que é necessário um número mínimo de amostras para a elaboração das frequências; por ter uma *“relativa independência de limitações funcionais”* e por possuir *“ampla variação, prevendo grande quantidade de atributos e combinações de atributos”* (MEGGERS; EVANS, s/d, p. 10). Esses atributos consistem em tempero, tratamento de superfície, decoração e forma do vasilhame, observados sobre uma amostragem não selecionada de cacos cerâmicos. Essa amostragem deve ser representativa do sítio estudado e os resultados obtidos para cada período ou sítio são comparados entre si, em termos de frequências (MEGGERS; EVANS, s/d).

Os vestígios líticos, por sua vez, foram agrupados em Fases e Tradições, a partir da análise tipológica. Os instrumentos, na época, restritos aos façoados e retocados e aos “decorados”, eram agrupados em termos de semelhanças morfológicas e em termos de funcionalidade. O objetivo, assim como para a cerâmica, era estabelecer um quadro de evolução cultural a partir dos vestígios materiais. Os vestígios líticos mais característicos de uma determinada sequência cronológica eram elegidos como fósseis guias, ou seja, como marcadores culturais (KARLIN *et al.*, 1991).

HISTÓRICO DA TRADIÇÃO ITAPARICA

O pesquisador V. Calderón de La Vara retoma os trabalhos no sitio Caverna do Padre ou Gruta do Padre (CALDERÓN DE LA VARA, 1969, 1983), no final da década de 1960, em suas pesquisas dentro do PRONAPA. Esse sítio foi escavado na década de 1930 pelo etnógrafo C. Estevão (MARTIM; ROCHA, 1990). O sitio encontra-se no estado de Pernambuco, próximo à divisa com o estado da Bahia, na micro região denominada Itaparica, sendo composto por quatro níveis estratigráficos, interpretados como Fases de duas Tradições líticas distintas (CALDERÓN DE LA VARA, 1983).

A mais antiga delas, relativas aos estratos IV, III e II do sítio, com datação entre 5.630 a.C. (em idade BP, 7.560) e 1.000 d.C. (em idade BP 2.300), denominada inicialmente de Tradição de Lascas e Seixos, caracteriza-se pela abundância de instrumentos elaborados sobre lascas debitadas, em sua maior parte, tendo como suporte os seixos. Trata-se, de uma indústria composta, principalmente, de raspadores de secção plano-convexa, semi circulares, trapezoidais, lascas utilizadas sem retoque ou sumariamente retocadas, *raedeiras* (lesma, *limace*), pontas-faca e buris. V. Calderón (1983) ressalta que os raspadores, as pontas-faca plano convexas e os buris “*são os artefatos que mais contribuem para a caracterização desta indústria*” (CALDERÓN, 1983, p. 48). O pesquisador complementa essa descrição, de forma mais detalhada, dando informações sobre as técnicas utilizadas (percussão e pressão), o método de lascamento (unifacial), assim como o suporte preferencial para os objetos mais característicos da Tradição (lascas):

Os utensílios de forma lanceolada, com uma face perfeitamente trabalhada por percussão e pressão, e a outra completamente lisa, constituída por um único plano de lascamento, sem a presença de bulbo, são, certamente, os mais característicos na tipologia desta nova fase (CALDERÓN, 1969, p. 136, grifo nosso).

Ao lado dessa indústria formada por “*artefatos cuidadosamente elaborados*”, observa-se a presença de “*grosseiros choppers, apenas delineados sobre seixos rolados*” (CALDERÓN, 1983, p. 48). Esses objetos compõem a outra Tradição observada no sítio, a qual corresponde ao estrato mais recente (I), sendo denominada de Tradição de Seixos. A mesma é formada, ainda, por lascas, raspadores de vários tipos, sendo caracterizada pela presença significativa de “pedras de moer”, bigornas, lâminas de machado polidas, percutores, alisadores de cerâmica e objetos polidos, como tambetás (CALDERÓN, 1983).

Na publicação de 1983, o autor deixa clara a relação entre as Tradições: a “*tradição de lascas e seixos, [...] recebeu o nome de Itaparica*” (CALDERÓN, 1983, p. 48).

Em 1975, a equipe do Programa Arqueológico de Goiás, coordenada por P. I. Schmitz, inicia as pesquisas realizadas em Serranópolis, no estado de Goiás, sendo as escavações iniciadas, em 1978, no sítio arqueológico GO-JA-01 (SCHMITZ *et al.*, 2004). As escavações se estenderam até o final dos anos 1990, englobando diversos outros sítios sob abrigo localizados na região.

Os vestígios líticos encontrados nesses abrigos foram relacionados a duas fases líticas e a uma Fase lito-cerâmica, sendo apenas a mais antiga relacionada à Tradição Itaparica. Trata-se da “*Fase lítica Paranaíba, tradição Itaparica (10.750 - 9.000 AP)*” (SCHMITZ, 1978-1979-1980^a, p. 26). Esse momento corresponde à ocupação de grupos de caçadores-coletores-pescadores generalizados, em um ambiente mais frio e úmido, apresentando, “*ao redor de 10.740 AP, uma tecnologia definida, onde sobressaem raspadores longos, facas, furadores [...], alisadores e eventuais quebra-cocos*” (SCHMITZ, 1978-1979-1980, p. 27), sendo destacados os “*raspadores planoconvexos (lesmas) em quantidades grandes*” (SCHMITZ, 1978-1979-1980^b, p. 19). Na tentativa de evitar confusões a cerca do tipo de lesma tratada, P. I. Schmitz ressalta que as lesmas do período antigo aparecem “*sozinhas, sem outros tipos significativos de raspadores, nem pontas e sem toda uma indústria de bifaces*” (SCHMITZ, 1978-1979-1980^b, p. 69), apesar de, mais tarde, considerar a presença de “*raros implementos bifaciais*” (SCHMITZ, 1987, p. 26). Essa indústria é realizada com matéria prima local, oriunda da rocha suporte dos abrigos, sendo um quartzito/arenito silicificado de granulometria fina.

No município de Caiapônia, a aproximadamente 200 km de Serranópolis, foram encontrados, em sítios a céu aberto, em superfície, vestígios líticos da Fase Paranaíba. Mais distante, por volta de 400 km, no município de Uraçu, essa fase foi datada de 10.750 AP (SCHMITZ, 1978-1979-1980^a). P. I. Schmitz (1978-1979-1980^a) ainda relata a existência desta fase em Niquelândia, em sítios encontrados por pesquisadores da UFGO. Em Pernambuco, ressaltam-se os sítios encontrados por A.F. G. Laroche, no município de Bom Jardim (SCHMITZ, 1978-1979-1980^a), cujos depósitos mais antigos datam entre 11.000 e 9.500 AP (SCHMITZ, 1978-1979-1980^a; HURT, 1989). Entre os objetos, encontram-se choppers, buris, raspadores em forma de leque, retocados por pressão, além das “*típicas*” lesmas (HURT, 1989), e de diversas formas de pontas unifaciais. Essa Subtradição é relacionada à Fase Paranaíba, sendo também pertencente à Tradição Itaparica (HURT, 1989).

Ampliando as comparações regionais, P. I. Schmitz (1978-1979-1980^a) menciona sítios arqueológicos sob abrigo de Minas Gerais e de Pernambuco, escavados pela equipe de O. Dias, os quais teriam uma indústria lítica semelhante. Por fim, uma última relação é estabelecida – a Gruta do Padre, “*onde foi encontrado material semelhante ao nosso, estudado por Calderón, [...] datado de 7.600 AP*” (SCHMITZ, 1978-1979-1980^a, p. 30).

A tradição Itaparica, [...], se teria desenvolvido em ambientes de cerrado e possivelmente de caatinga no final do Pleistoceno, explorando um ambiente diversificado onde a complementação da caça e da coleta dos frutos permitira a sobrevivência do homem. [...]. Essa tradição tecnológica aparece já pronta ao redor dos 11.000 anos, mas até agora, não sabemos nem onde, nem quando ela se teria originado (SCHMITZ et al., 1978-1979-1980a, p. 31).

Na década de 1980, visando à construção do lago da Hidrelétrica Itaparica, G. Martin desenvolve um projeto de salvamento arqueológico envolvendo a Gruta do Padre. As intervenções consistiram na finalização da escavação iniciada por V. Calderón e de um setor, localizado abaixo de bloco abatido, entendido como não perturbado (MARTIN; ROCHA, 1990). A pesquisadora é, assim, responsável pela primeira revisão acerca da Tradição Itaparica (MACEDO NETO, 1992). Em publicação sobre o sítio sintetiza a caracterização da Tradição naquele momento, sendo a mesma caracterizada por:

Instrumentos fabricados sobre sílex, quartzo, quartzito e arenito silicificado principalmente, aos quais se acrescenta aos poucos o uso da calcedônia, que utiliza, prioritariamente, a técnica da percussão direta com peças unifaciais plano convexas, com retoque nos dois gumes e pequenas pontas de projétil pedunculadas, grosseiramente trabalhadas e quase sem preparo, já nas fases finais. Acrescentam-se as famosas lesmas, os furadores, alguns finamente trabalhados. A utilização do polimento nos artefatos é muito precoce, e pode ser considerada também uma característica da Tradição observada no Planalto Goiano e na área de Itaparica (MARTIN; ROCHA, 1990, p. 41).

Apesar de vários autores (SIMÕES, 1972; SCHMITZ, 1987; HURT, 1989, MARTIN E ROCHA, 1990; ROCHA, 1990, PROUS, 1992; FOGAÇA, 1995; BUENO, 2007; dentre outros) considerarem que o termo “Tradição Itaparica” foi cunhado por V. Calderón de La Vara, para a Gruta do Padre, em sua publicação de 1969, durante os levantamentos bibliográficos realizados para este trabalho, a primeira publicação deste autor encontrada que utiliza esse termo, tornando-o sinônimo de sua Tradição de Lascas e Seixos, é datada de 1983 (CALDERÓN, 1983).

AS INDÚSTRIAS LÍTICAS ANTIGAS DO BRASIL CENTRAL

Entende-se, neste trabalho, como Brasil Central a região que compreende parte dos atuais estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás e Tocantins.

Trata-se de uma macro região com uma área de aproximadamente 2 milhões de km², a qual pertence a um domínio morfoclimático específico, ocupando maciços planálticos de estrutura complexa, cerrados nos interflúvios e florestas galerias (ABS'ABER, 1977). De forma geral, predominam as formações de Cerrado e de Caatinga, as quais sustentam floras e faunas diversificadas, com grande riqueza de espécimes. É nesse ambiente, principalmente dentro de numerosos abrigos, que os pesquisadores encontraram vestígios dos grupos humanos antigos que estavam muito bem instalados

e adaptados – estabilidade cultural – e cujos vestígios líticos formam a denominada Tradição Itaparica.

Os estudos apresentados seguiram uma linha metodológica de análise dos vestígios líticos comum, pautada na análise tecnológica de orientação francesa (LEROI-GOURHAN, 1966, 1972; TIXIER, 1978; PELEGRIN, 1995, 2005; dentre outros.). Os principais conceitos utilizados são: cadeia operatória (MAUSS, 1947; MAGET, 1953; LEROI-GOURHAN, 1964; TIXIER, 1978; INIZAN *et al.*, 1995, dentre outros.) e economia da matéria prima (PERLÈS, 1980), os quais ampliam o referencial teórico e metodológico para classificar e hierarquizar os restos brutos de debitage, sempre que possível associados aos núcleos e instrumentos encontrados. Isso permite inferir qual o tipo de atividade de lascamento pode ou não ter sido realizada no local e algumas das escolhas técnicas relacionadas à indústria lítica. Assim, é possível elaborar um quadro que vai desde a imagem mental do objeto desejado, continua pela procura da matéria prima e segue através da identificação dos diferentes métodos e técnicas utilizados em cada tipo de rocha e/ou mineral. Além disso, é possível discutir, através da análise tecnológica, quais partes do processo de lascamento estão ou não presentes na área estudada e inferir distintos tipos de utilização dos espaços.

Na bacia do rio Peruaçu, norte do estado de Minas Gerais, A. Prous *et al.* (1984-2009) datam de aproximadamente 12.000, 11.000 e 10.000 BP os níveis profundos da lapa do Boquete, do abrigo do Malhador e da lapa dos Bichos. Estudos baseados nas análises tecnológicas desse conjunto de sítios (PROUS, FOGAÇA, ALONSO, 1995; FOGAÇA, 2001; RODET 2006; SCHLOBACH, 2000) apontam para a presença de uma indústria lítica com uma produção elaborada de instrumentos unifaciais de secção plano-convexa, além de instrumentos de morfologias trapezoidal espessa ou ainda achatada, principalmente em silexito de excelente qualidade para o lascamento (homogêneo, granulometria fina), sobre lascas mais longas que largas. O estudo das cadeias operatórias de alguns desses instrumentos apontam, em certos setores da peça, para um contato térmico anterior (e às vezes posterior) ao lascamento, além da utilização da percussão direta macia - *façonnage* - (RODET, 2006). A presença de um fragmento de ponta de projétil bifacial remete à concepção e produção deste tipo de objeto pelos primeiros ocupantes da lapa do Boquete. Acompanhando essa indústria elaborada, e em número muito mais significativo, encontra-se uma indústria simples, realizada sobre brutos de debitage com pouca ou nenhuma transformação dos gumes (RODET, 2006). As outras matérias primas utilizadas na indústria são o arenito silicificado e o quartzito, os quais podem ser encontrados num raio de aproximadamente 5 km no entorno do sítio do Boquete ou, ainda, presente em forma de seixos dentro do rio Peruaçu que banha a maior parte dos abrigos. Observou-se também uma indústria lítica realizada em calcário, rocha do maciço (calcário Bambuí).

Um pouco mais ao sul, no centro-norte do estado, foram escavados dois sítios arqueológicos do início do Holoceno: no município de Buritizeiro, o sítio Caixa d'água, margem esquerda do rio São Francisco e, em um de seus afluentes da margem direita, o

rio Jequitaiá, no município homônimo, o sítio Bibocas II. Os níveis mais profundos dos mesmos apresentam as seguintes tendências em suas indústrias líticas:

- O primeiro, (Caixa d'Água) datado de 9.750 BP (calibrada BP 11.250 a 11.090), apresenta uma fiação de seixos de quartzito (grandes e médios), provavelmente exógenos, por percussão direta dura, através de métodos variados (centrípeto, bipolar, frontal, etc. – RODET *et al.*, 2007), produzindo lascas com gumes cortantes, resistentes que, muito provavelmente, são utilizadas sem transformação – ou pouco transformadas. Nota-se uma relação entre a morfologia do seixo e os métodos escolhidos para a fiação dos mesmos. Os estudos realizados nessas indústrias demonstram que a morfologia dos seixos influencia os processos de debitagem e, em consequência, os produtos finais procurados. No entanto, as escolhas culturais podem ser observadas através da variedade de métodos de lascamentos encontrados e na utilização diferenciada das matérias primas (RODET, 2006; RODET *et al.*, 2007). Os outros tipos de técnica observados são a fragmentação de pequenos seixos de quartzito e de quartzo sobre bigorna, que, em seguida, podem ser transformados em instrumentos, através de retoques, por percussão direta dura. Observam-se ainda lascas e pequenos instrumentos realizados por percussão direta dura em sílexito e em calcedônia, transformados por retoque em instrumentos unifaciais.

- O segundo, (Bibocas II) apresenta datações de aproximadamente 10.470 BP para o nível V inferior. Este nível se encontra imediatamente acima do nível VI (mais antigo, mas sem datações absolutas). Ambos apresentam uma indústria lítica realizada basicamente sobre quatro tipos de matérias-primas: quartzitos (local e exógeno), sílexito, calcedônia e quartzos. A indústria sobre quartzito local é a mais abundante, seguida daquelas em cristal de quartzo (provável jazida situada nos arredores) e de sílexito e calcedônia (seixos). Vários métodos de debitagem de quartzo puderam ser observados a partir das análises das lascas encontradas no setor (BASSI e RODET, 2011). Além disso, foram encontradas pontas de projétil (1) e fragmentos (3) em quartzo hialino de suportes e morfologias diferenciados (presença de pedúnculos mais ou menos longos e aletas mais ou menos marcadas), além de instrumentos com retoques bifaces e de instrumentos de seção plano-convexa. No quartzito local foram observados instrumentos muito simples, sobre grandes lascas espessas (quartzito endógeno).

Foi também exumado um instrumento unifacial elaborado, retocado, realizado sobre lasca alongada e pouco espessa de sílexito homogêneo. Ainda nesta matéria prima, as pequenas lascas apontam para uma utilização da percussão direta dura e também da macia, tendo sido deixados no abrigo os instrumentos simples e sobre brutos de debitagem.

Os estudos de A. Isnardis (2009) no município de Diamantina, estado de Minas Gerais, apontam para a presença de dois sítios sob abrigo com datações referentes ao início do Holoceno. São eles a Lapa do Caboclo (10.560 e 10.380 BP) e a Lapa do Peixe Gordo (10.210 BP). Em ambos foram encontrados material lítico lascado e estruturas de combustão contendo vegetais carbonizados. A matéria prima lítica predominante é o quartzito, com diversidade de cores e texturas, em geral muito homogêneo, com in-

dicações de “lascamento refinado”, com estigmas que sugerem fortemente a utilização da percussão direta macia.

O lascamento de quartzo esta presente de forma secundária, no entanto, com representatividade expressiva. Na Lapa do Caboclo foram confeccionados instrumentos bifaciais “delgados”, inclusive uma ponta de projétil de quartzo hialino, com aleta e pedúnculo.

No médio rio Tocantins, na região de Lajeado, L. Bueno (2007), a partir de sítios a céu aberto, aponta para a presença de um “horizonte lítico” do Holoceno inicial (entre 10.530 e 8.980 BP), composto por instrumentos unifaciais elaborados, alguns deles de secção plano-convexa, os quais foram realizados principalmente sobre matéria prima de melhor qualidade para o lascamento, ou seja, o arenito silicificado de granulometria fina. Uma ponta de projétil bifacial e três fragmentos indicam a produção de pontas de morfologia variada (pedúnculo e aleta, bordos laterais longos e paralelos ou com extremidade proximal côncava), as quais foram realizadas em matérias primas diversificadas (arenito silicificado, siltito silicificado e quartzo). Existem ainda instrumentos unifaciais sobre lasca ou sobre seixo, produzidos em matéria prima menos apta ao lascamento, de granulometria média a grossa, tais como: arenito silicificado médio, silexito, arenito de granulometria média e quartzo. Acompanhando essas indústrias mais ou menos elaboradas, observa-se uma indústria simples realizada sobre suportes brutos de debitagem, freqüentemente corticais. Esses instrumentos são mais freqüentes em sítios arqueológicos próximos às jazidas de matéria prima sobre as quais eles foram produzidos.

Mais raramente e, muitas vezes limitada a alguns sítios, foi observada a utilização da percussão sobre bigorna (denominada pelo autor como “técnica bipolar”), e da fiação de seixos. A primeira utilizada exclusivamente em pequenos seixos globulares ou alongados de quartzo, também foi observada nesses níveis com datações antigas. A fiação de seixos (denominada no texto de L. Bueno, 2007, como “técnica de fiação”) foi um método identificado principalmente em seixos de quartzito e mais raramente naqueles de arenito silicificado de granulometria média.

De acordo com L. Bueno (2007), a produção de instrumentos mais elaborados (denominados pelo autor como “formais padronizados”), parece ter uma relação direta com o arenito silicificado. No entanto, esta não seria uma relação exclusiva, haja visto, que o silexito e os arenitos de granulometria média, além do quartzito, também serviram como suportes para a produção destes instrumentos. De fato, a produção sobre uma ou outra matéria prima estaria ligada não somente a uma escolha cultural, mas também à disponibilidade das jazidas no contexto. No entanto, dentro do próprio sítio existe uma camada de conglomerados, Formação Pimenteiras. Assim, mesmo sendo a indústria diferente no que tange ao suporte e à matéria prima, trata-se do mesmo “conjunto artefactual”, o que pode ser verificado em função da *“seqüência de transformações, a composição dos gumes e a execução de retoques para definição da parte passiva do artefato”* (BUENO, 2007:156). O autor afirma que existe uma influência de aspectos do con-

texto na definição de estratégias relacionadas às escolhas de matérias primas, suportes, produção e utilização dos instrumentos, estando as mesmas relacionadas a questões tais como a disponibilidade das matérias primas ou a forma de uso e ocupação do espaço específicos de cada local.

Os recentes trabalhos de P. I. Schmitz *et al.* (2004), em Serranópolis, estado de Goiás, fazem uma descrição mais detalhada da indústria lítica exumada do complexo de sítios sob abrigo da região. Os autores demonstram a utilização de diversas matérias primas que variam em termos de qualidade para o lascamento e de disponibilidade no entorno dos sítios. Das matérias primas utilizadas, o quartzito/arenito silicificado é a mais abundante, sendo, muitas vezes, encontrado nos paredões dos próprios abrigos. Em seguida, tem-se a calcedônia sobre seixos pequenos, além de basaltos, arenitos e óxidos de ferro e manganês.

Para a fase Paranaíba (Tradição Itaparica), são encontrados núcleos grandes de quartzito (bloco), com diâmetro próximo de 50 cm (GO-JA-03, corte IV – SCHMITZ *et al.*, 2004), dos quais foram debitadas, por percussão dura ou por “espatifamento”, lascas cuja “*proporção comprimento/largura pode variar de 2:1 e 1:2*” (SCHMITZ *et al.*, 2004: 180), espessas, que servirão de suporte para a produção dos objetos unifaciais típicos. Trata-se de instrumentos lascados, classificados como raspadores. Apresentam secção plano convexa e trabalho secundário de retoque que pode ser ao longo de toda a preferia (“lesmas”) ou apenas em parte dos gumes laterais, sendo em grande parte sobre lascas de quartzito e, mais raramente, sobre calcedônia (SCHMITZ *et al.*, 2004). Aqueles completamente retocados apresentam uma extremidade mais larga (a do talão da lasca suporte) e outra mais fina (parte distal), de morfologia ogival, pontiaguda ou convexa. Foi encontrada mais de uma centena de exemplares deste tipo sendo que “*as formas atuais das peças descartadas podem ser as originais ou resultar de reativações, reformas e reciclagem mais ou menos importante*” (SCHMITZ *et al.*, 2004, p. 187). Ainda relacionadas a estes instrumentos, são encontradas numerosas “lascas de redução”, oriundas da transformação secundária dos mesmos.

Na fase Paranaíba são encontrados, ainda, percutores sobre seixos de basalto e calcedônia, apoios (bigornas) sobre seixos e pontas de projétil bifaciais fragmentadas ou inteiras, atribuídas à “*parte recente da fase Paranaíba*” (SCHMITZ *et al.*, 2004, p. 186).

DISCUSSÃO

Após esta rápida síntese dos estudos realizados, alguns pontos merecem ser discutidos. Inicialmente, buscaremos fazer uma análise crítica da maneira como o conceito foi idealizado e também reapropriado pelos arqueólogos. Em seguida, tentaremos colocar as impressões que tivemos a partir das comparações dos diversos resultados aqui apresentados.

O primeiro questionamento está relacionado com o “universo pré histórico” utilizado para definir a Tradição. A grande maioria das indústrias líticas utilizada na

construção do conceito da Tradição Itaparica provém de sítios de abrigo. Inclusive, inicialmente foi a gruta do Padre a referência nessa construção. Este seria um limite da definição, pois o abrigo, sendo somente um elemento do cotidiano pré histórico, não poderia responder pelas variadas dimensões da vida desses grupos. Assim sendo, suas camadas estratigráficas só poderiam conter parte do instrumental produzido por eles. Além disso, em geral, os arqueólogos escavam poucos metros de um sítio arqueológico, o que seria outro limite, pois poderíamos nos perguntar se os metros quadrados escavados são de fato representativos daquele espaço. E, finalmente, poderíamos nos perguntar, qual a função dos sítios de abrigo escavados? Se, de fato, estivermos diante de um sítio de moradia, teremos uma representatividade mais próxima do cotidiano dessas pessoas. Se estivermos em um sítio cerimonial (sepultamento, pinturas, oferendas, por exemplo), este não será muito representativo das indústrias líticas daquelas populações, produzidas para um uso mais cotidiano. Se estivermos diante de um sítio de produção, o qual as pessoas freqüentam em função das matérias primas ali presentes, estaremos, então, diante de outro problema, ou seja, serão os instrumentos ali deixados realmente representativos do objeto procurado pelos grupos que ali freqüentaram (imagem mental)? Pois, se produz um objeto em um determinado local (em função de uma jazida de matéria prima muito específica, por exemplo), normalmente eu o levo comigo, deixando no local somente aqueles quebrados, já utilizados (que trouxe comigo) ou ainda os que não deram certo. Poucos serão os objetos produzidos que carregam em si a intenção do lascador, que serão deixados em locais como estes. Enfim, abrigos são somente uma parte ínfima do universo dos grupos passados. Definir uma Tradição a partir de somente um tipo de sítio certamente limita o leque de instrumentos que poderá constituir a mesma.

Um segundo problema refere-se às datações sobre as quais foram fundamentadas a Tradição. V. Calderón denomina Tradição de seixos e de lascas (mais tarde denominada Tradição Itaparica) as indústrias líticas exumadas nos níveis mais profundos da gruta do Padre, estado de Pernambuco, as quais foram datadas de 7500 BP. Ora, todas as outras indústrias relacionadas a esta Tradição são datadas da passagem Pleistoceno/Holoceno ou Holoceno inicial, ou seja, por volta de 12, 11 ou 10.000 BP. Então, o que V. Calderón classifica como Tradição Itaparica são instrumentos -, ou o que ele pensa ser instrumentos, pois podemos estar diante de núcleos sobre seixos (como é o caso dos sítios do município de Buritizeiro) -, os quais são realizados principalmente sobre seixo, com a matéria prima, inclusive, localizada *in situ* no sítio. Além disso, de acordo com Macedo Neto (1996), que retoma o material mais tarde, V. Calderón teria se enganado, pois não há, por exemplo, a utilização da técnica da pressão na produção dos instrumentos. Além disso, esse autor aponta para a utilização do método de fiação nos seixos. Enfim, uma indústria realizada sobre seixos em um único sítio do Holoceno médio é a base da construção de uma tipologia a qual é utilizada para classificar e definir uma Tradição. Em seguida, esta mesma “Tradição” é reapropriada pelos arqueólogos e utilizada para definir as indústrias datadas do início do Holoceno ou da passagem

Pleistoceno/Holoceno. A questão que nos colocamos é até que ponto uma tipologia que se refere a um período bastante específico e sobre uma indústria também bastante específica, sobre seixos, em um único sítio, situado em uma entrada de gruta, poderia de fato servir de base para uma outra indústria 4 ou 5 mil anos mais antiga (e que nem sempre é realizada sobre seixos)?

Se passarmos agora para as questões levantadas a partir das comparações que tentamos apresentar ao longo desse artigo, mostrando as diversas indústrias presentes nos sítios escolhidos, chegamos a algumas conclusões: a primeira delas, talvez a que mais chame a atenção, está relacionada à diversidade de instrumentos produzidos por esses grupos. Certamente, os unifaciais são característicos desse período, principalmente aqueles de secção plano convexa (assim como o são ao longo de toda a estratigrafia de 12 mil anos). Porém, eles podem tanto apresentar diversas morfologias, quanto ter cadeias operatórias de produção completamente diversificadas, ou ainda, ter diferentes matérias primas como suporte. Sobre arenito silicificado, silexito, quartzito, quartzo calcário, ou outras, os grupos desse período fizeram tanto unifaciais, quanto peças bifaciais. Mesmo que as pontas projétil bifaciais não fossem frequentes em Serranópolis, o conceito já existia em outros locais do Brasil Central e isto pode ser comprovado a partir do pequeno fragmento de ponta da lapa do Boquete, norte do estado de Minas Gerais, ou ainda nos fragmentos presentes em Jequitaiá ou naqueles dos sítios do Lajeado, no estado de Tocantins. E mais, tanto os sítios do Lajeado, quanto de Jequitaiá, demonstram uma gama variada de morfologias e tecnologias na produção das pontas. Para Jequitaiá, temos, dentro do mesmo sítio, cadeias operatórias distintas nessas produções. Para o Lajeado, as matérias primas, além das morfologias finais dos objetos, também são variadas. Em Diamantina utiliza-se também a percussão direta macia na produção das pontas.

Se pensarmos nas matérias primas utilizadas por esses grupos pré históricos, podemos afirmar da utilização de todas as matérias primas presentes em um raio de pelo menos 5 km no entorno dos sítios. Certamente, os instrumentos mais elaborados serão frequentemente (não exclusivamente) realizados sobre uma matéria prima de melhor qualidade e mais apta ao lascamento. Esse tipo de rocha ou mineral permite um maior controle do lascamento.

Em síntese, se retomamos todo o leque das indústrias líticas desses diversos sítios observamos uma produção de unifaciais em suportes variados (lascas, seixos, plaquetas, etc.) e matérias primas diferenciadas (silexito, arenitos, quartzitos, quartzo, etc.). Esses unifaciais têm cadeias operatórias diferentes em sua produção e serão realizados através de poucas ou muitas fases; utilizando de pelo menos duas técnicas (percussão direta dura, percussão macia). Enfim, mesmo as morfologias finais serão diferentes: secção plano-convexa, trapezoidais, achatadas, etc. Devemos ainda considerar os diversos estados técnicos nas quais essas peças se encontram (iniciais, reavivados uma ou várias vezes, etc.), os quais muitas vezes não foram identificados durante os estudos.

As análises tecnológicas das indústrias da lapa do Boquete apontam para um baixo índice de acidentes neste período, por volta de 20% (este dado é também obser-

vado nas indústrias de Serranópolis, GOJA3, e em Jequitaiá). A utilização frequente da percussão macia e talvez o emprego do calor para transformar a matéria prima, melhorando a sua qualidade no lascamento, são alguns elementos que demonstram o nível do conhecimento e de controle desses grupos que freqüentaram o Brasil Central. Em grande parte, os instrumentos elaborados produzidos neste período inicial são realizados em lascas de plena debitagem. Os produtos de plena debitagem trazem como característica intrínseca o fato de terem uma melhor resistência, muito mais que produtos próximos ao córtex da peça, setor mais poroso e menos resistente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, nota-se nas indústrias líticas do período inicial da ocupação do Brasil Central um alto nível de *savoir-faire*. Por exemplo, os métodos empregados na debitagem dos seixos de quartzito e do quartzo hialino (Buritizeiro e Jequitaiá), mesmo que aparentemente simples, apontam para uma exploração estruturada com regras bastante definidas destas matérias primas. Percebe-se, por exemplo, uma escolha de determinadas morfologias de seixos para a aplicação de certos métodos. Além é claro, de escolhas de matérias primas específicas, homogêneas e muito resistentes, que são o quartzo hialino (dureza 7, na escala de Mohs) e o quartzito. As pontas de projétil, assim como os unifaciais realizados sobre quartzo hialino de Jequitaiá são as peças mais elaboradas presentes nesses níveis, complementadas pela pequena peça em silexito, foliácea. Essas peças apresentam normas rígidas para suas etapas de fabricação; as pontas (mesmo fragmentadas) apresentam várias fases de produção e a utilização de pelo menos duas técnicas, percussão direta dura e macia. Na bacia do Peruaçu, observamos uma utilização mais intensa de matérias primas tais como o silexito e o quartzito, muito abundantes nos arredores dos sítios, dentro do vale ou em locais específicos tais como o sítio do Judas, ou dentro do próprio rio Peruaçu. De todo modo, as matérias primas utilizadas pelos grupos pré históricos dos períodos iniciais da ocupação são aquelas que melhor respondem ao lascamento (e os sítios nos quais elas estão melhor representadas não distam muito de suas jazidas, sejam elas primárias ou secundárias). O nível de acidentes será o mais abaixo de toda a estratigrafia de 12 mil anos (RODET, 2006), o que é corroborado nos níveis inferiores em Jequitaiá. Os instrumentos deixados nos abrigos apontam para a utilização da percussão macia durante o trabalho de façongem, além de alguns instrumentos apresentarem um contacto térmico antes do lascamento, demonstrando uma maior elaboração na produção. Os instrumentos unifaciais sobre lascas mais longas que largas, achatados, trapezoidais ou plano-convexos trazem em si a própria reserva de matéria prima, ou seja, são instrumentos que uma vez produzidos, dependendo de suas dimensões, poderão ser utilizados por muito tempo, mesmo sendo reavivados ao longo de suas vidas eles continuam tendo gumes amplos. Em conseqüência, suas morfologias serão variadas ao longo de seus diferentes estados técnicos.

mente unifaciais também sobre uma matéria prima local de excelente qualidade para o lascamento, com um baixo índice de acidentes.

Por fim, consideramos que os vestígios dos primeiros grupos humanos que ocuparam o Brasil Central apontam para uma produção de objetos líticos variados (e não homogêneos) em termos tecnológicos e morfológicos. Por outro lado, parece haver em toda região uma homogeneidade referente ao *savoir-faire*, resultante de um cuidado com a produção dos objetos, sempre bem acabados, com raros acidentes (enquanto nos períodos mais recentes essa taxa aumenta mais de 100% - Rodet, 2006). Ao mesmo tempo, o cenário desse período parece ser o de alta adaptação desses grupos ao meio ambiente.

A partir do ponto de vista explicitado, não faz mais sentido caracterizar as indústrias da passagem Pleistoceno-Holoceno, Holoceno inicial (e médio) sob o rótulo de Tradição Itaparica. Esse rótulo acaba por homogeneizar muito as indústrias, simplificando a variabilidade das mesmas ao englobar sob o mesmo termo diversas coleções líticas. O mais proveitoso seria descrevê-las tecnologicamente, tornando a comparação entre elas e as mais recentes mais plausível.

THINKING ABOUT THE CENTRAL BRAZIL'S FIRST POPULATION: THE "ITAPARICA TRADITION"

Abstract : this paper discusses the various definitions, limitations and problems of what was defined as Itaparica Tradition. Starting from an extensive literature review of case studies in different contexts of Central Brazil, we synthesized and organized the ideas of different authors who have embraced lots of conceptions under this extremely general classification. Therefore, we propose a new look over this Tradition.

Keywords: Central Brazil. Itaparica Tradition. Technological Analysis.

Notas

- 1 A resultante combinação entre três diferentes propriedades básicas: espaço, tempo e forma (Trad. nossa).
- 2 Uma unidade espaço-tempo-cultural possuindo traços suficientemente característicos para a distinguir de todas as outras unidades concebidas de forma similar, seja da mesma ou de outra tradição cultural, geograficamente limitada a uma localidade ou região e cronologicamente limitada em um relativo curto espaço de tempo (Trad. nossa)
- 3 Características humanas mais ou menos enraizadas – atitudes persistentes ou modos de fazer as coisas – as quais são passadas de geração para geração (Trad. nossa).
- 4 Uma tradição cultural é um modo de vida distintivo, refletido em vários aspectos da cultura; talvez se estendendo ao longo do tempo e exibindo mudanças culturais internas, mas, não obstante, ao longo deste período, mostrando uma unidade básica consistente (Trad. nossa).
- 5 Uma continuidade espaço-tempo-cultural de maior longa escala, definida com referência a configurações persistentes em uma única tecnologia ou na cultura (arqueológica) como um todo, ocupando um relativo longo intervalo de tempo e um espaço quantitativamente variável, mas ambientalmente significativo (Trad. nossa).

Referências

- AB'SÁBER, A. Domínio morfoclimático semi-árido das caatingas brasileiras. *Geomorfologia*, São Paulo, 3, 1974. 87 p.
- ALVES, T.M. *Cultura e Tecnologia: Um estudo tecnomorfológico sobre as indústrias líticas lascadas do sítio arqueológico Buritizeiro/ Minas Gerais, entre 10000AP e 2000AP*. Dissertação de Mestrado, PPGAN/UFMG. Belo Horizonte, 2010.
- BARBOSA, A. S. A tradição Itaparica: uma compreensão ecológica e cultural do povoamento inicial do planalto central brasileiro. In: MEGGERS, B. J.; EVANS, C. (eds.) *Prehistoria Sudamericana – Nuevas Perspectivas*. Washington, D.C.: Taraxacum, 1992. p.145-160.
- BARBOSA, A. S. e SCHMITZ, P. I. Os complexos líticos do Planalto Central brasileiro: breve síntese. Goiânia: Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia, UFGO. 1978. 14 p.
- BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, nº 44, 1999-2000. p. 32-51.
- BASSI, L. F; RODET, M. J. Abordagens tecnológicas do lascamento de cristal de quartzo: o estudo do sítio Bibocas II, Jequitaiá – Minas Gerais, Brasil. *XVI Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Florianópolis. Resumo e comunicação. 2011.
- BOEDA, E. *Technogenese de systemes de production lithique au Paleolithique inferieur et moyen en Europe occidentale et au Proche-Orient*. These d'Habilitation a diriger de recherches. Université de Paris X, Nanterre.
- BUENO, L. M. R. *Variabilidade Tecnológica nos Sítios Líticos da Região do Lajeado, Médio Rio Tocantins*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Suplemento 4, São Paulo, 2007.
- CALDERÓN DE LA VARA, V. As tradições líticas de uma região do baixo médiosão Francisco (Bahia). *Estudos de Arqueologia e Etnologia*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, Coleção Valentin Calderón, v.1, 1983, p. 37-52.
- CALDERÓN DE LA VARA, V. Nota prévia sobre a arqueologia das regiões central e sudoeste do Estado da Bahia. *PRONAPA, Resultados Preliminares do 2 ano, 1966-967*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações avulsas, n.10, 1969. p.135-147.
- CALDERÓN DE LA VARA, V. Notícias preliminares sobre as sequências arqueológicas do médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia. *Publicações avulsas: PRONAPA, Resultados Preliminares do 1 ano, 1965-1966*, MPEG, Belém, n 6, p. 107-119.
- CARNEIRO, R. A base ecológica dos cacicados amazônicos. In: *Revista de Arqueologia*, nº 20. 2007, p. 117-157.
- CHMYZ, I. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de arqueologia*, Paraná: Museu de Arqueologia e Artes Populares, Universidade Federal do Paraná, nº 1, Ano 1, p. 119-150, 1976.
- FOGAÇA, E. A Tradição Itaparica e as indústrias líticas pré-cerâmicas da Lapa do Boquete (Minas Gerais – Brasil). In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, nº 5. São Paulo: USP. p. 145-158, 1995.
- Fogaça E. - 2001. *Mãos para o Pensamento – a variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12000/10500 B.P.)*. Thèse de doctorat, PUC do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2 vol: 450 p.

HURT, W. Tradition Itaparica. *Clio Série Arqueológica*, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, nº 5, p. 55-58, 1989.

INIZIAN M.L. ; REDURON M. ; ROCHE H. ;TIXIER J.. *Technologie de la pierre taillée*. Paris, Editions du CREP, 4, 1995, 199 p.

ISNARDIS, A. *Entre as Pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais*. Jan. 2009. 278f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

KARLIN, C. ; BODU, P. ; PELEGRIN, J. Processus techniques et chaînes opératoires. Comment les préhistoriens s'approprient un concept élaboré par les ethnologues. BALFET, Hélène (dir.) *Observer l'action technique: des chaînes opératoires, pour quoi faire?*. Paris : Editions du CNRS, p. 101-117, 1991.

LEROI-GOURHAN, A. *La préhistoire: problèmes méthodologiques*. Presses Universitaires de France, p. 240-269, 1966.

LEROI-GOURHAN, A. (dir.). Fouilles de Pincevent: essai d'analyse ethnographique d'un habitat Magdalénien - la section 36. *Gallia Préhistoire* (avec la participation de F. David, M. Julien, C. Karlin). Paris : CNRS, supplément 7, 1972, 331 p.

LOURDEAU, A. Le technocomplex Itaparica – Definition tecno-fonctionnelle des industries a pieces faconnes unifacialment a une face plane dans Le centre e Le nord-est du Bresil pendant la transition Pleistocene-Holocene e Holocene ancien. Université de Paris Ouest Nanterre La Defense: Tese de doutorado. 2010. 477 p.

MACÊDO NETO, C. *A Linguagem dos Seixos: Tecnologia Lítica de Debitagem Sobre Seixos em Dois Sítios Sob Abrigos do Sub Médio São Francisco*. Dissertação de Mestrado, MAE/USP. Salvador, 1996.

MACHADO, Juliana Sales. *Montículos artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara*. São Paulo:MAE-USP, Dissertação de mestrado. 2006. 367 p.

MARTIN, G.; ROCHA, J. O adeus á Gruta do Padre, Pernambuco: a Tradição Itaparica de coletores-caçadores no médio rio São Francisco. *Clio Série arqueológica*, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, vol. 1, nº. 6, 1990. p. 31-67.

MARTIN, G.; ROCHA, J.S.; LIMA, M.G. Indústrias líticas em Itaparica, no vale do Médio São Francisco (Pernambuco, Brasil). *CLIO, Série Arqueológica*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, v.3, n.8, p. 99-135, 1986.

MEGGERS, B J. e EVANS, E. – s/d. *A utilização de sequencias cerâmicas seriadas para inferir comportamento social*. 49 p.

NEVES, E. G. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 86 p.

PELEGRIN, J. *Cours de DEA*. Université de Paris X, Laboratoire d'Archéologie et Technologie lithique, 2005.

PELEGRIN, J. Réflexions méthodologiques sur l'étude de séries lithiques en contexte d'atelier ou de mine. *Les mines de silex au Néolithique en Europe : Table Ronde de Vesoul*, 18-19 octobre 1991, C.T.H.S., p. 159-172, 1995.

PHILIPPS, P.; WILLEY, G. R. Method and theory in American archaeology: an operational basis for culture-historical integration. *American Anthropologist*, Vol. 55, nº. 5, parte 1, p. 615-633, 1953.

PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1992. 613 p.

- PROUS, A. Arqueologia do Alto Médio São Francisco – Introdução. In: PROUS, A. e RIBEIRO, L. (eds.). Tomo I – Região de Montalvânia. *Arquivos do Museu de História Natural - UFMG*, Belo Horizonte, (1996/1997, publicado em 2000), p. 1-68, 2000.
- PROUS, A. Artefatos e adornos sobre suportes de origem animal, vegetal ou mineral (concha, casca de ovo, dente, osso, cera, fibras vegetais e calcita). In: PROUS, A. e RODET, M. J. (eds.). Tomo I - Arqueologia do vale do rio Peruaçu e adjacências – Minas Gerais. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico – UFMG*, Belo Horizonte, p. 371-413, 2009.
- PROUS, A. Fouilles de l’Abri du Boquete, Minas Gerais, Brésil. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, tome LXXVII, p. 77-109, 1991.
- PROUS, A. Stylistic modifications and economic changes in Peruaçu Valley (Brazil). In: Steinbring, J. (editor) *Rock Art Studies in America*. Oxford: Oxbow Monographs, p. 143-150, 1995.
- PROUS, A.; BRITO, M.; LIMA, M. A. As ocupações ceramistas no vale do rio Peruaçu. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 4, p. 71-94, 1994.
- PROUS, A.; JUNQUEIRA, P.; MALTA, I. Arqueologia do Alto Médio São Francisco – Região de Januária e Montalvânia. *Revista de Arqueologia*, Belém, CNPq e Museu Paraense Emílio Goeldi, 2 (1), p. 59-72, 1984.
- PROUS, A.; RODET, M. J.; ISNARDIS, A.; JACOME, C.; PANACHUK, L.; RIBEIRO, L.; BAETA, A.; ALONSO, M. A.; CASTRO, M. La mission archéologique de Minas Gerais (Brésil). *Les Nouvelles de l’archeologie*, n°111-112, p. 23-27, 2008.
- ROCHA, J. Uma reflexão sobre a noção “tradição” e sua aplicação às indústrias líticas da área de Itaparica, no médio São Francisco (Pernambuco, Brasil). In: *Anais da V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio Grande do sul: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Cruz do Sul, p. 249-257. 1990.
- RODET, M. J. *Étude technologique des industries lithiques du nord de Minas Gerais, Brésil. Depuis le passage Pléistocène/Holocène jusqu’au contact – XVIIIème siècle*. Thèse de doctora, par l’Université de Paris X, 2006.
- RODET, M. J.; DUARTE, D. Crianças, aprendizes, impropriedades ou inabilidades: os acidentes de lascamento das indústrias líticas do Brasil Central (exemplo do norte do estado de Minas Gerais). *XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, no prelo.
- RODET, M.J; DUARTE, D.; CUNHA, A. C. R.; DINIZ, L.; BAGGIO, H. Os métodos de “fatiagem” sobre seixo de arenito/quartzito do Brasil Central – exemplo do sítio arqueológico de Buritizeiro, Minas Gerais. *Anais do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)*, 2007.
- ROOSEVELT, A. C. *et al.* Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon: The Peopling of the Americas. *Science*. Vol. 272, abril, p. 373-384, 1996.
- SCHMITZ P.I.; ROSA, A. O.; BITENCOURT, A. L. Arqueologia nos cerrados do Brasil central - Serranópolis III. Pesquisas, *Antropologia*, Unisinos, Rio Grande do Sul, n° 60, 2004, p. 287.
- SCHMITZ, P. I. -. Apresentações por áreas: Goiás In: SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B. (Eds.). *Anuário de divulgação científica: Temas de arqueologia brasileira – Arcaico do Interior*. Goiânia, Nº 2: Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, p. 15-120, 1978/1979/1980b,

SCHMITZ, P. I. Caçadores antigos no sudoeste de Goiás, Brasil. *Estudios Atacameños*. Nº. 8. p. 17-37. 1987.

SCHLOBACH M. Estudo da distribuição espacial dos vestígios do abrigo do Malhador. *Relatório Fapemig*, MHN-UFMG, p.159-171, 2000.

SCHMITZ, P. I. O paleo-índio em Goiás. In: SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B. (Eds.). *Anuário de divulgação científica*: Temas de arqueologia brasileira – Paleo-índio. Goiânia, Nº1: Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, p. 22-33, 1978/1979/1980.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; MIRANDA, A. F.; RIBEIRO, M. B.; BARBOSA, M. O. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: sudoeste da Bahia e leste de Goiás – o Projeto Serra Geral. *Antropologia*, nº 52. Instituto Anchieta de Pesquisas: São Leopoldo, RS, 1996.

SÍMÕES, M. F. *Fases Arqueológicas Brasileiras, 1950-1971*. Publicações Avulsas, MPEG, Belém, n 18, 1972.

STEWART, J.H. Cultures areas of the tropical forest. In: _____. (Ed.). *Handbook of South American Indians*. Washington D.C., Smithsonian Institution, 1948. Vol 3, Bulletin 143. Bureau of American Ethnology. p. 883-903, 1948.

ROOSEVELT, A. Arqueologia Amazônica. In: CARNEIRO DA CUNHA (org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de cultura: FAPESP. p. 37-86, 1992.

TIXIER J. *Méthode pour l'étude des outillages lithiques. Notice sur les travaux scientifiques*. Thèse de doctorat d'état ès Lettres, Université de Paris X, Nanterre, 1978, 117 p.